

**„TRANSFERT NEC MERGITUR”**

**ALBERT SÁNDOR  
TISZTELETÉRE  
65. SZÜLETÉSNAPJA ALKALMÁBÓL**

**JATE  
Press**

**SZEGED 2014**

A kötet kiadása a Szegedi Tudományegyetem Francia Nyelvi és Irodalmi  
Tanszékének támogatásával valósult meg

SZERKESZTŐK:

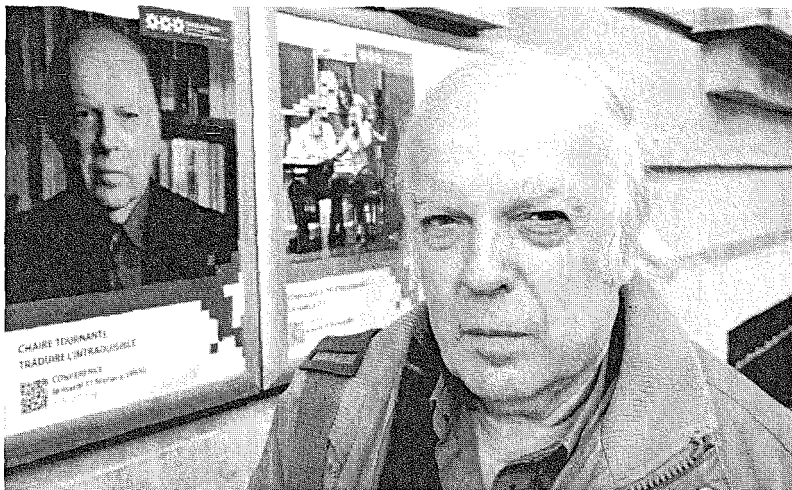
Bartha-Kovács Katalin, Gécseg Zsuzsanna, Kovács Eszter, Nagy Ágoston,  
Ocsovai Dóra, Szász Géza

GRAFIKAI TERV:

Ocsovai Dóra

© Szerzők, szerkesztők, 2014

ISBN 978 963 315 177 8



ALBERT SÁNDOR

2014. február 11: a Párizsi Magyar Intézet előtt, amelynek falán  
az esti előadását hirdető plakát látható

## Os tempos verbais compostos nas versões castelhana e portuguesa da História do Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma

O objectivo deste pequeno estudo é comparar o uso dos tempos verbais compostos no português de finais do século XV com a situação do castelhano do mesmo período, com base na análise de uma versão castelhana e da edição portuguesa do texto narrativo intitulado *História do mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma*. A narrativa, baseada provavelmente num original em francês e editada em forma impressa no contexto histórico da expulsão dos judeus produzida neste período tanto em Portugal como na Espanha, elabora a história da destruição de Jerusalém pelos romanos, apresentada como vingança pela morte de Jesus Cristo em agradecimento da recuperação milagrosa do imperador Vespasiano de uma doença grave, o qual, finalmente, se converte ao cristianismo. O texto foi editado em castelhano em Toledo em 1492 e em Sevilha em 1499, e também teve uma edição portuguesa em Lisboa em 1496. O facto de existirem versões paralelas do mesmo texto em ambas as línguas representativas do grupo ibero-românico, convertem-no num óptimo objecto de estudo para a pesquisa orientada para a comparação, pois possibilita que as estruturas gramaticais sejam analisadas exactamente no mesmo contexto. Ao mesmo tempo, esse mesmo paralelismo pode dever-se ao facto de se tratar de uma tradução, a qual tem a desvantagem de poder oferecer casos de interferência, os quais podem pôr em questão se o texto representa a situação linguística real da época. Assim, por exemplo, no seu estudo introdutório feito à edição do texto, MACHADO (2010) menciona que o texto português contém numerosos castelhanismos lexicais, que provam a influência de uma original escrita em castelhano.

Neste trabalho, desejamos examinar o sistema dos tempos verbais compostos dos verbos transitivos, na versão castelhana e portuguesa, para poder descobrir até que grau se podem detectar indícios de possível interferência a nível gramatical entre elas ou em que medida o texto português pode ser considerado uma fonte de grande fiabilidade para o estudo da situação linguística do português desse período. Quanto aos complexos verbais do tipo *he escrito cartas* e *tenho escrito cartas*, respectivamente, que, como explicam por exemplo ANDRES-SUÁREZ (1994: 36-39), HERMAN (1997: 91-95), PENNY (2006: 193-194) e VÄÄNÄNEN (2003: 213), nas línguas românicas têm origem nas construções transitivas possessivo-resultativas latinas do tipo *epistulas scriptas habeo*, equivalente a 'tenho cartas escritas', no período em questão o castelhano e o português mostravam uma imagem bastante diferente. Segundo os dados e as referências de ANDRES-SUÁREZ (1994: 64), LAPESA (2000: 783), PENNY (2006: 193-194), HANSSEN (1966: 230) e ROMANI (2006: 284) o castelhano já tinha estabilizado a estrutura que o caracteriza actualmente utilizando o verbo *haber* de-semantizado e o participio não concordado com o complemento directo; isto é, apenas a estrutura *había escrito cartas* era possível, sendo que a construção arcaica *\*había escritas cartas* já tinha desaparecido da norma. O português, porém, encontrava-se numa fase transitória em que começavam a alternar soluções antigas e modernas. Isto quer

dizer, por um lado, que para formar os tempos compostos o português podia seleccionar *haver* ou *ter* como auxiliar e, assim como dizem MATTOS E SILVA (1997: 275) e COSTA (2010: 63-65), ainda podia concordar ou não concordar o particípio com o complemento directo, ou seja, coexistiam estruturas como *havia escritas cartas*, *havia escrito cartas*, *tinha escritas cartas* e *tinha escrito cartas*. Por outro lado, as formas compostas mencionadas também podiam alternar com estruturas que continham formas verbais simples tradicionais, do tipo *escreveu cartas* ou *escrevera cartas*. Segundo a nossa hipótese, se o texto analisado apresenta estas formas conservadoras e inovadoras alternantes, próprias do português da época, pode-se excluir que fosse fortemente influenciado por uma versão castelhana original.

Para a análise utilizámos a edição portuguesa de 1496 de Lisboa e a edição castelhana de Adolfo Bonilla y San Martín de 1908, reeditada em versão eletrónica em 2012. Durante o processo de recolha de dados reunimos todas as formas verbais portuguesas que correspondem a formas compostas no texto castelhano, o qual tornou possível a comparação da frequência das formas simples e compostas, por um lado, e a das suas funções e valores, por outro. Quanto às formas compostas, na análise tivemos em conta como parâmetros gramaticais a presença ou ausência da concordância do particípio com o complemento directo e a selecção do verbo auxiliar *-haver* ou *ter*.

No corpus português encontramos 93 exemplos em que os verbos correspondem a tempos verbais compostos castelhanos. Entre estes exemplos portugueses, 52 (56%) contêm formas verbais sintéticas e 41 (44%) compostas, isto é, estas últimas constituem um grupo importante embora minoritário. Quanto às formas compostas é preciso destacar que, ao contrário do estado bastante fixo do castelhano, no texto português podemos registar uma grande variabilidade léxica e morfo-sintática: em 29 casos (71%) o auxiliar é o verbo *ter*, em 12 casos (29%) *haver*; o particípio está concordado com o complemento directo em 10 casos (24%) e aparece invariável em 7 casos (17%), sendo que nos restantes 24 casos a concordância é duvidosa por o complemento ser masculino singular. A concordância aparece 9 vezes quando o auxiliar é *ter* e 1 vez quando é *haver*, enquanto a falta da concordância aparece com o auxiliar *ter* 3 vezes e com *haver* 4 vezes. Estes dados indicam, por um lado, a predominância geral das formas simples sobre as compostas no nosso texto, sendo completamente plausíveis com as afirmações segundo as quais o português –com outras línguas ocidentais da Península– prefere as formas verbais simples às compostas (ANDRÉS DÍAZ 2013: 600). Quanto às formas compostas, constituídas por um verbo auxiliar e um particípio perfectivo, podemos observar uma predominância considerável do auxiliar *ter* e a preferência do uso concordado do particípio; aquela indica a difusão de uma inovação consistente na troca do auxiliar, esta a conservação de uma norma antiga.

Nos seguintes parágrafos veremos os dados mais detalhadamente, analisando o caso de cada tempo verbal concreto<sup>1</sup>.

Nos fragmentos dialogados de estilo directo, que reproduzem directamente as palavras das personagens, na versão castelhana podemos encontrar casos do pretérito perfeito composto, formado pelo presente do auxiliar *haber* e pelo particípio perfectivo, fazendo referência a uma acção ou acontecimento perfectivo que tem efeito no presente. A estas construções, do tipo *he cantado*, no texto português correspondem frequentemente formas simples de perfeito narrativo do tipo *cantei*. Assim, nos fragmentos que se citam abaixo, em vez dos perfeitos compostos castelhanos *ha embiado*, *aueys* aqui *hecho derribar* e *as renegado*, nos fragmentos portugueses encontramos as formas simples *enuiou*, *mandastes derribar* e *arrenegaste*.

dezid a Pilatos mi adelantado que como no me *ha embiado* el tributo que me deue de siete años (VesCas, iv)

dizee a pillato meu adia<n>tado q<ue> como me no<m> *enuiou* o trebutto q<ue> me deue de sete a<n>nos (VesPor, iv)

Señor, sabed que yo era señor deste castillo que vos *aueys* aqui *hecho derribar* (VesCas, xv)

Senhor sabe q<ue> eu era senhor deste castello q<ue> vos *mandastes derribar* (VesPor, xv)

Jacob, condenado eres a muerte por quanto *as renegado* la nuestra ley (VesCas, xviii)

Jacob, conde<m>pnado es amorte por quanto *arrenegaste* a nossa lei (VesPor, xviii)

Este uso frequente das formas sintéticas do tipo *cantei*, que servem para expressar tanto acontecimentos narrados como eventos relacionados com o presente, de acordo com THIBAUT (2000: 219), tinha sido habitual no castelhana nos séculos anteriores, podendo hoje ser considerado, talvez, um arcaísmo conservado não apenas nas zonas ocidentais da Península Ibérica mas também no espanhol falado na América (NAGY C.-BERTA 2011: 93).

Apesar da predominância das formas mencionadas, também aparecem formas compostas no texto português que parecem corresponder ao valor das formas castelhanas, isto é, referindo-se a um acontecimento recente que tem efeito no presente. Nestes casos, o particípio das construções castelhanas do tipo *ha cantado*, seguindo a norma predominante da época<sup>2</sup>, não está concordado com o complemento directo. As soluções portuguesas são, porém, mais variadas por se apresentar variação tanto no uso do auxiliar como na concordância do particípio.

Encontramos a possibilidade do uso do mesmo verbo *haber* como auxiliar em presente combinado com o particípio não concordado em forma totalmente paralela

<sup>1</sup> Nos exemplos a abreviação *VesCas* referir-se-á à versão castelhana, enquanto *VesPor* à portuguesa. Por falta de numeração de páginas na edição portuguesa, a numeração com números romanos indica o capítulo que contém o exemplo.

<sup>2</sup> Segundo ANDRES-SUÁREZ (1994: 64), LAPESA (2000: 783) e YLLERA (1980: 284) a concordância ainda era possível, mas minoritária no castelhana desta época, portanto devemos pensar que a norma literária já não a aceitava.

ao castelhano, conforme ocorre nos exemplos seguintes, onde as construções portuguesas *ey trazido* e *auées dito* correspondem às castelhanas *he traydo* e *auéys dicho*. Embora a língua actual prefira o emprego do verbo *ter* quando o auxiliar aparece em presente –p. ex. *tenho trazido*–, como diz REIS (1971: 23), esta forma perfectiva composta com *haver* foi utilizada até o século XVIII, pelo que, em princípio, o uso do auxiliar *haver* em presente não deve ser considerado necessariamente um castelhanismo.

e aquesta muger *he traydo* (VesCas, viii)

E esta molher vos *ey trazido* (VesPor, ix)

Todas estas cosas que me *auéys dicho* creo yo firmemente (VesCas, ix)

De todas estas cousas q<ue> me *auées dito* creo eu firmeme<n>te (VesPor, x)

Noutros casos, às formas compostas castelhanas correspondem formas compostas construídas pelo verbo *ter* usado como auxiliar, flexionado em presente, e o particípio perfeito concordado com o complemento directo. Aqui, portanto, podemos observar uma clara divergência entre as soluções castelhanas e portuguesas. Aquelas devem ser interpretadas claramente como tempos compostos, onde o verbo *haver* aparece com o valor de auxiliar semanticamente vazio e o particípio deixa já de concordar com o complemento. Estas, porém, parecem ter um valor resultativo, muito similar ao das construções possessivo-resultativas originárias: a concordância do particípio com o complemento directo parece indicar que o verbo *ter* mantém o significado de posseção. As formas castelhanas *ha fecho* e *has dicho* carecem deste valor, e deveriam ser traduzidas ao português com as formas simples *fez* e *disseste*. Também é importante notarmos que esta construção aparece no texto com as expressões *fazer merçee* e *dizer pallauras*.

Siñor, pues Dios vos *ha fecho* tanta merced que soys sano muy bien (VesCas, XV)

Se<h>hor, poys d<eu>s vos *tem feyta* ta<n>ta merçee que soees saa<n>o muy bem. (VesPor, xv)

Bien me tengo por sañudo de las palabras que *has dicho* (VesCas, xvi)

Tenho gra<n>de mene<n>coria das palla-uras q<ue> me *tee<n>s ditas* (VesPor, xvi)

Também encontramos um caso no texto português em que a acção recente com efeito no presente, expressado pelo perfeito composto no castelhano, é indicada por uma forma verbal composta, constituída pelo verbo *ter* em presente e o particípio não concordado com o complemento directo.

Señores, bien veys que nos no podemos tener contra el emperador, ca Dios nos *ha olvidado* (VesCas, xxii)

Senhores, bem vedes vos q<ue> nos no<m> nos podemos teer ao emperador q<ue> d<eu>s nos *tee<m> esqueçido* (VesPor, xxii)

Na construção castelhana *Dios nos ha olvidado*, está claro que se trata de um perfeito composto referindo-se a um acontecimento do passado recente com efeito no presente. A construção portuguesa *deus nos teem esqueçido* tem a mesma estrutura, mas o verbo auxiliar escolhido é *ter*, mais usado já nesta época do que o

seu rival *haver*. É importante notarmos duas coisas em relação a esta forma composta. Por um lado, que a estrutura *tem*+particípio não concordado corresponde à forma do tempo verbal composto que conhecemos no português de hoje, a qual, porém, não se utiliza com o mesmo valor de pretérito perfeito que parece ter no texto (cfr. ANDRÉS DÍAZ 2013: 598). Por outro lado, que a mesma construção também poderia ter-se construído com particípio concordado –isto é, *deus nos tem esquecidos*– embora neste caso teria um valor possessivo-resultativo.

Quanto às partes narrativas, temos de destacar que no seu caso têm importância dois aspectos ou parâmetros, os quais aparecem nas subordinações de diversos tipos: a perfectividade e a anterioridade relativamente a uma outra acção do passado.

Nas orações compostas que contêm uma proposição subordinada temporal, que se refere a uma acção perfectiva do passado, produzida antes de outra, designada pelo verbo da proposição principal, também em passado, na versão castelhana aparecem duas construções ou formas verbais compostas. Na primeira, do tipo *(h)ove cantado*, conhecida pelo nome de *pretérito anterior* na tradição gramatical castelhana, o verbo *haver*, auxiliar de perfeito, aparece flexionado no perfeito simples; na segunda, do tipo *(h)avía cantado*, chamado *pretérito pluscuamperfecto* – isto é, mais-que-perfeito –, este mesmo verbo flexiona-se no pretérito imperfeito. Ainda que até o século XIV estas formas compostas alternassem com formas de pretérito simples, no castelhano dos finais do século XV já estavam bastante difundidas, usando-se também com frequência no nosso texto.

As formas compostas castelhanas de *pretérito anterior* aparecem geralmente em proposições subordinadas adverbiais, que se referem a um acontecimento imediatamente anterior ao da proposição principal. Num número elevado de casos, a estas formas compostas castelhanas corresponde geralmente no texto português uma forma de perfeito simples. Assim, nos exemplos seguintes, as formas compostas castelhanas *ouo entendido*, *houo alinmpiado* e *ouo predicado* são expressadas pelas formas portuguesas simples *entendeo*, *alimpou* e *preegou*.

E quando Pilatos *ouo entendido* al senescal,  
recibido la carta, e fizole mal rostro (VesCas,  
viii, 382)

qua<n>do pilato *entendeo* o mestre falla  
reçebéo a carta e fez lhe maa.o rostro (VesPor,  
viii)

e quando el santo profeta *houo alinpiado* la su  
faz, tornogelo (VesCas, viii, 381)

e desde ho santo p<ro>feta *alimpou* suas  
façes tornoulho (VesPor, viii)

E quando *ouo* luengamente *predicado*, feneció  
el sermón diziendo *amen*. (VesCas, xiii)

e depois q<ue> *preegou* largame<n>te acabou  
seu sermo<m> dizendo amen (VesPor. Cap.  
xiii.)

O uso do *pretérito anterior* era especialmente frequente a partir do século XV para expressar anterioridade imediata (Nagy C.-Berta 2011: 108), facto que também se comprova no texto castelhano aqui analisado, que contém numerosos exemplos com esta forma. Convém notar, porém, que mais tarde decai o seu uso, pelo que no castelhano comum actual este tipo de anterioridade expressa-se com o pretérito perfeito simples, que corresponde ao mesmo perfeito narrativo que é utilizado no



texto português nestes contextos. É importante notarmos que nestes casos a interpretação de anterioridade não é portanto assegurada pela forma verbal, mas sim pelas conjunções utilizadas para introduzir a subordinação que contém o verbo. Ao analisar os exemplos, podemos observar que nestes casos no texto castelhano a subordinação é introduzida pela conjunção temporal *quando*, de valor muito amplo, e a anterioridade e a perfectividade são exprimidas pelo tempo composto formado com o perfeito do auxiliar *haber*. No entanto, nos exemplos de texto português são usadas conjunções mais específicas, como *desque* ou *depois que*, as quais aclaram a ideia de anterioridade que as formas verbais simples *alimpou* ou *pregou* não são capazes de transmitir. Isto coincide com os resultados do estudo de MACHADO (2008: 102-103), quem, ao analisar os conectores nas edições castelhanas e portuguesa do texto, observa que “[n]as três versões, o verbo que acompanha [est]as locuções e as conjunções está, regra geral, no pretérito perfeito”. Outras vezes, a ideia de anterioridade imediata também se reforça com o emprego de uma perífrase verbal perfectiva; esta solução pode ser observada no seguinte exemplo, onde a perífrase *acabaram de fallar* é o equivalente do tempo composto castelhano *ouieron hablado*.

E quando <i>ouieron</i> ambos a dos <i>hablado</i> , tornáronse a la otra gente (VesCas, vii)	e depois q<ue> <i>acabaro</i> <m> de <i>fallar</i> ambos tornaro<m> se a outra ge<n>te (VesPor, viii)
---	---

Outras vezes, o texto português exprime a ideia da anterioridade imediata utilizando um gerúndio, adequado para reduzir subordinações temporais de anterioridade, como no caso que aduzimos abaixo.

E quando sant Clemente <i>ouo acabado</i> el sermón, viniéronse Verónica e el delante del emperador (VesCas, xii)	E em <i>acabando</i> sam clemente osermo<m> vieronse veronica e elle diante do emperador (VesPor, Cap. xiii)
---	--

Além das soluções acima mencionadas também encontramos o uso paralelo de formas compostas nas duas versões. Às vezes o paralelismo é completo, porque se usa em ambos os textos uma forma composta que contém o verbo *haber* flexionado no perfeito simples: assim, nos exemplos seguintes, às estruturas castelhanas *ouo elegido* e *le ouieron cortado* correspondem as expressões *ouue emlegido* e *[o] ouiro*<m> *cortado* no texto português.

Después que el emperador <i>ouo elegido</i> apostólico e cabeça de la christiandad, fizole edificar vna yglesia (VesCas, xv)	Despoys q<ue> o emperador <i>ouue emlegido</i> apostolico e cabeça da <cris>tindad<e> fezlhe edificar u<m>a ygreja (VesPor, xv)
--	---

E quando le <i>ouieron cortado</i> , pusiéronlo [a] assar (VesCas, xxi)	e qua<n>do [o] <i>ouiro</i> <m> <i>cortado</i> posero<n>no aassar (VesPor, xxi)
---	---

Desde este ponto de vista é especialmente interessante o exemplo seguinte, porque ao tempo composto castelhano *los houo recebido* na versão portuguesa corresponde a construção *os tenia recebidos*, também de estrutura composta, a qual, porém, apresenta características especiais.

E quando los *houo recebido*, lleuolos a su tienda. (VesCas, xii)      E des q<ue> os *tenia recebidos* leuouos aasua tenda (VesPor, xxii)

A construção apresenta traços próprios do português da época por conter como auxiliar o verbo *ter* e por concordar o particípio com o complemento directo representado pelo pronome átono *os*. Esta escolha do verbo auxiliar e a concordância do particípio tornam em princípio também possível uma interpretação possessivo-resultativa – não possível no caso da versão castelhana –, mas o que é realmente surpreendente é a morfologia completamente castelhana do verbo auxiliar *-tenia-*.

O mais-que-perfeito castelhano, do tipo *avia cantado*, também é usado frequentemente no texto castelhano, tanto em proposições subordinadas adverbiais como em subordinadas substantivas e adjectivas, quando o acontecimento da parte subordinada é anterior ao da principal. Também neste caso o texto português utiliza preferencialmente formas simples, embora a forma correspondente seja a do mais-que-perfeito simples, do tipo *cantara*, conhecido e usado também em castelhano em períodos anteriores da sua evolução. Nas seguintes subordinações, entre as quais a primeira é adverbial causal e as outras duas adjectivas, as formas castelhanas *auia entregado*, *auia comprado* e *hauian uisto* são substituídas pelas formas verbais *comprara*, *entregara* e *uirom* no texto português, as quais pertencem todas ao pretérito mais-que-perfeito simples.

Y Pilatos fue muy arrepentido por que no *auia entregado* la cibdad al enperador para hazer su voluntad (VesCas, xvii)      E Pilatus foy muyto arrepentido porq<ue> no<m> *dera* açidade e *entregara* ao emperador p<er>a fazer sua voo<n>tade (VesPor, xvii)

e vino ay el cauallero que *auia conprado* el primer dinero de los judíos (VesCas, xxii)      e veo hi o caualleiro q<ue> *co<m>prara* o primeiro dinheyro dos jude<os> (VesPor, xxii)

e ellos contáronle todo lo que *hauian visto* en la casa de la reyna de África. (VesCas, xxi)      E elles co<n>taro<m>lhe todo q<ue> *viro<m>* em casa da raynha de Affrica (VesPor, xxi).

Também observamos uma vez que o acontecimento anterior, que se menciona numa subordinação adjectiva na versão castelhana como *auian hecho*, no texto português é expressado pelo pretérito imperfeito, isto é, *faziam*. Esta solução não é habitual por esta forma não conter referência à perfectividade nem à anterioridade, embora o seu uso possa ser favorecido pela presença do adverbial *dantes*, o qual pode clarificar as relações temporais entre os diversos acontecimentos do passado.

Assi que muchas gentes se conuirtieron en aquellos ocho dias, mas que no *auian hecho* antes (VesCas, XXIV)      E muytas ge<n>tes se co<n>uertero<m> naq<ue>lles oyto dias q<ue> no<m> *fazia<m>* dantes (VesPor, xxiv)

Numa grande parte das orações compostas que aparecem nas parágrafos narrativos, as palavras das personagens são contadas em estilo indirecto, isto é, em

E quando Pilatos supo que tan grandes valles e tan ayna *auia hecho* el emperador e tan estrechamente los tenia apremiados allego su consejo (VesCas, xix)

E qua<n> do Pilatus soube q<ue> ta<m> grandes vallas e ta<m> asinha *avia feytas* o emperador e tam estreitame<n>te os tinha ap<er>tados Chegou seu co<n>selho (VesPor, xix)

subordinações de complemento directo que dependem de um verbo hierarquicamente superior, flexionado em pretérito. De acordo com as regras da concordância de tempos, quando o verbo da proposição principal tem forma de pretérito, a acção anterior em proposição subordinada expressa-se no pretérito mais-que-perfeito. Neste caso podemos também observar que o texto castelhano prefere as formas de *pluscuamperfecto* compostas, embora o português as formas de *mais-que-perfeito* simples, como podemos comprovar nos exemplos seguintes.

E despues demandole como *hauia salido* de la cibdad, que el *hauia oydo* dezir que Pilatos lo *auia puesto* en prisión (VesCas, xviii)

E depois p<er> gu<n> toulhe como *saira* da cidade q<ue> elle *ouuira* dizer que Pilatos o *mandara* meter na presom (VesPor, xviii)

Embora existam diferenças entre os dois textos quanto à preferência das formas compostas ou simples, também no caso deste tempo verbal é possível encontrar casos onde o português também escolhe um tempo composto, seja com o auxiliar *haver* seja com *ter*.

Os seguintes exemplos ilustram o paralelismo total entre os dois textos quanto ao uso de uma forma composta onde o auxiliar é o verbo *haver* em ambos os idiomas, numa proposição subordinada de complemento directo em estilo indirecto.

e saliose diciendo que mal consejo *auia tomado* Pilato (VesSp, 382a)

e saiose dize<n>do que mao co<n>selho *auia tomado* pilato (VesPor, viii)

e cuydauan que Dios lo *auia hecho* por amor delllos (VesCas, xxiii)

cuidaua<n> q<ue> d<eu>s *ohauia feito* por amor delles (VesPor, xxiii)

Entre as estruturas portuguesas formadas com o auxiliar *haver*, registamos apenas um só caso em que o participio está concordado com o complemento directo, o qual aduzimos no exemplo seguinte. O exemplo castelhano paralelo não mostra esta concordância.

Também se registaram numerosos exemplos portugueses de mais-que-perfeito composto com o auxiliar *ter*, especialmente em proposições subordinadas adjectivas. Entre os seguintes exemplos, no primeiro documenta-se um tempo composto com participio concordado com o complemento directo, isto é, a forma *ditas* concorda com o sintagma *as pallauras*. Nos outros dois a concordância é duvidosa por os complementos serem masculinos no singular.

el enperador estuuu pensando toda la noche en las palabras que el su senescal le *auia dicho* (VesCas, x)

o emperador esteue pensando toda anoite nas pallauras que oseu mestresalla lha *tinha ditas*. (VesPor, xi.)

e diole gracias e mercedes del servicio que  
hecho le auia (VesSp, viii)

e deu lhe graças e mercees do seruiço q<ue>  
lhe tinha feito (VesPor, viii)

E el emperador marauillose mucho de lo que  
auia visto (VesCas, xi)

Eo emperador marauilhouse muyto do que  
tijnha visto (VesPor, xi)

Como ilustra o exemplo seguinte, onde o tempo composto aparece numa proposição subordinada de complemento directo por tratar-se de estilo indirecto, também se documenta o uso do verbo *ter* com falta da concordância de particípio: na expressão *tinham entendido as suas pallauras*, o particípio *entendido* não concorda com o complemento directo *as suas pallauras*, o qual corresponde à norma do português actual. Neste texto, porém, trata-se dum caso excepcional.

E los senadores dixeron todos en vno que  
bien auian entendido las palabras (VesCas,  
xxvi)

E os senadores em huu<m> dissero<m>  
q<ue> be<m> o tinham entendido as suas  
pallauras (VesPor, xxvi)

Uma vez apresentados os casos dos tempos compostos usados no pretérito, examinamos mais detalhadamente um exemplo concreto que, por conter várias formas verbais de pretérito, ilustra muito bem o funcionamento diferente do sistema temporal do castelhano e do português no período em que a obra foi editada.

y quando *houo recebido* los treynta dineros,  
que se *arrepintió* de la traycion y del gran mal  
que *auia hecho* (VesCas, ii)

Depois q<ue> *tem recebido* os trinta dinheiros  
que *arpepe<n>deu* da treição<m> e do mal que  
*tinha feito* (VesPr, iv)

Nestes fragmentos aparecem três acontecimentos no pretérito, ordenados cronologicamente da seguinte maneira: Judas traiu Jesus Cristo, recebeu os trinta dinheiros e arrependeu-se da traição. No texto castelhano esta ordem de acontecimentos é claramente exprimida pelo uso de três diferentes tempos verbais de pretérito: *auia fecho* faz referência a um acontecimento cronologicamente distante em relação ao pretérito *se arrepintió*, sendo *houo recebido* imediatamente anterior a este último. No texto português o mais-que-perfeito *tinha feito* expressa a anterioridade mais distante ao pretérito *arrependeo* e a anterioridade imediata, de uma maneira estranha, exprime-se pelo uso da forma composta *tem recebido*, não utilizado normalmente com valor de pretérito narrativo, segundo o que vimos mais acima. Esta última forma parece ser um substituto ocasional do *pretérito anterior* castelhano, de que o texto português carece.

Finalmente, também podemos analisar a situação das formas compostas que se referem ao futuro. No texto castelhano aparecem várias referências a um evento do futuro, anterior a outra acção do futuro, o qual é expressado por uma forma composta; na versão portuguesa nestes casos usa-se uma forma simples. Assim, nos exemplos seguintes às expressões castelhanas *aya tomado vengança* e *aya vengado*, em forma de perfeito composto do conjuntivo, correspondem as formas portuguesas

simples *tomar vingança* e *vingue*, no futuro simples e no presente do conjuntivo, respectivamente.

E como aya tomado vengança en Hierusalem, e seré tornado en Roma si a Dios plaze, yo me fare baptizar, e todo el pueblo e todos mis caualleros (VesCas, x)

E como tomar vingança em Jher<usa>l<e>m me tornarey a roma se a<deu>s aprouuer eu me farei bautizar e todo o pouoo e todos os meus caualleiros (VesPor, xi)

Mas sabed que yo no me bautizare fasta que aya vengado la muerte de Jesu Christo (VesCas, xiv)

mas vos sabee q<ue> eu me no<n> bautizarey ate q<ue> no<n> vingue a morte de jesu <Christ>o. (VesPor, xiv)

Depois da análise comparativa do corpus podemos extrair as seguintes conclusões. Enquanto no texto castelhano os valores de perfectividade e anterioridade se expressam com formas verbais compostas, na versão portuguesa, embora a proporção dos tempos compostos seja considerável, mostra-se ainda uma clara preferência pelas formas simples, a qual caracteriza as línguas da zona ocidental da Península Ibérica até hoje, não sendo porém um traço próprio do castelhano desse período. Quanto à morfo-sintaxe das formas compostas, esta também mostra diferenças em comparação com o castelhano, sobretudo por ser caracterizada por uma grande variabilidade e pela coexistência de soluções conservadoras e inovadoras em alternância. O uso do auxiliar *haver*, que alternava havia muito tempo com *ter*, no nosso texto português tem uma frequência muito inferior à que tem o seu rival; o emprego ascendente de *ter* com esta função é um traço inovador, que não caracteriza o castelhano. O particípio dos tempos compostos dos verbos transitivos que analisámos neste trabalho tende a concordar com o complemento directo, o qual é um traço conservador, já abandonado pelo castelhano nessa época. A análise detalhada dos exemplos castelhanos e portugueses mostrou que o texto português, ainda que seja uma tradução feita sobre a base de uma versão castelhana, apesar dos paralelos estruturais que a coexistência de formas alternantes oferecia, ao nível gramatical não segue automaticamente o modelo castelhano, pelo que pode ser considerado uma fonte bastante fiável do estado da língua portuguesa da última década do século XV.

### ***Bibliografia***

- ANDRÉS DÍAZ, R. de, *Gramática comparada de las lenguas ibéricas*, Gijón, Ediciones Trea, 2013.
- ANDRES-SUÁREZ, I., *El verbo español. Sistemas medievales y sistema clásico*, Madrid, Gredos, 1994.
- COSTA, M. J., «Os verbos ‘aver’ e ‘teer’ no português arcaico – breve sinopse», *Filologia linguística portuguesa*, 12/1, 2010, pp. 59-68.
- HANSEN, F., *Gramática histórica de la lengua castellana*, París, Ediciones Hispanoamericanas, 1966.
- HERMAN, J., *El latín vulgar*, Barcelona, Ariel, 1997.

- Historia de mui nobre Vespasiano Imperador de Roma*, a cura de Valentim FERNANDES, Lisboa, 1496 (acessível na Biblioteca Nacional de Portugal)
- La destrucción de Jerusalem. (La historia del noble Vespasiano)*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes 2012, edición digital a partir de *Libros de Caballerías. Segunda parte. Ciclo de los Palmerines; Extravagante; Glosario; Variantes; Correcciones; Índices*, a cura de A. BONILLA Y SAN MARTÍN, Madrid, Bailly/Bailliére e hijos, 1908, pp. 379-401.
- LAPESA, R., *Estudios de morfosintaxis histórica del español*, Madrid, Gredos, 2000.
- MACHADO, J. Barbosa, «Alguns conectores e marcadores de discurso em três versões “Da História do Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma”», *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 2, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2008, pp. 99-121
- MACHADO, J. Barbosa (ed.), *História do mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma*, Braga, Edições Vercial, 2010.
- MATTOS E SILVA, R. V., «Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego-português ducentista», *Estudos Linguísticos e Literários*, 19, 1997, pp. 253-286.
- NAGY C., K., BERTA, T., «Los tiempos verbales del pretérito de indicativo en textos antiguos de la Península Ibérica», in *Morfosintaxis histórica del verbo en las lenguas romances de la Península Ibérica*, editado por T. Berta, Szeged, Universidad de Szeged, 2011, pp. 67-113.
- PENNY, R., *Gramática histórica del español*, Barcelona, Ariel, 2006<sup>2</sup>.
- REIS, O., *Breviário da Conjugação dos Verbos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1971.
- ROMANI, P., «Tiempos de formación romance I. Los tiempos compuestos» in *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*, dirigido por C. Company Company, México D. F., Universidad Nacional Autónoma de México/Fondo de Cultura Económica, 2006, pp. 243-346.
- THIBAUT, A., *Perfecto simple y perfecto compuesto en español preclásico, Estudio de los perfectos de indicativo en «La Celestina», el «Teatro» de Encina y el «Diálogo de la lengua»*, Max Niemeyer Verlag GmbH, Tübingen, 2000.
- YLLERA, A., *Sintaxis histórica del verbo español: las perífrasis verbales*, Zaragoza, Pórtico, 1980.
- VÄÄNÄNEN, V., *Introducción al latín vulgar*, Madrid, Gredos, 2003.